

Com seu aspecto afável e simples, o «Velho Ben» foi um dos mais brilhantes gênios da história – filósofo, estadista, erudito, cientista e lutador pela liberdade

Benjamin Franklin: um talento prodigioso

BRUCE BLIVEN

FOI um homem extraordinário; mas qual era o verdadeiro, o autêntico Benjamin Franklin? O homem espirituoso e o filósofo rústico? O mago da ciência? O esperto homem de negócios? O revolucionário? Seria possível que um homem pudesse ser tudo isto e mais ainda?

Sua fama já o havia precedido quando ele chegou à Europa em dezembro de 1776, cinco meses depois de os colonos norte-americanos se terem declarado independentes da Grã-Bretanha. Este homem de 70 anos veio, como emissário de um Novo País, advogar uma aliança com a França contra a Inglaterra. Embora se tornasse imediatamente um ídolo (e, logo após, o homem mais popular da França, com sua efígie reproduzida em quadros, desenhos, esculturas, gravuras e estatuetas), manteve

sempre uma aura de mistério em seu redor, um sentimento misto de apreensão e de respeito. Isso porque sua vinda significava problemas para os sistemas sociais baseados no privilégio ou na força e, por conseguinte, o fim da velha Europa. Era um homem perigoso, nascido de um povo perigoso, integrado na perigosa experiência da liberdade política.

É evidente que os norte-americanos não vêem Benjamin Franklin desse modo; para eles, é apenas o afável e bem humorado «Velho Ben». A verdade, porém, é que o «Velho Ben» era, pelo menos em parte, a criação proposital da arte e da publicidade, promovida pelo seu autor para chamar a atenção para a causa norte-americana no estrangeiro.

Caráter paradoxal. O aspecto simplório de Franklin é verda-

deiro, mas ele apenas obscurece uma vasta complexidade difícil de imaginar. Quando, por exemplo, 500 sociedades culturais do mundo inteiro realizaram, em 1956, celebrações internacionais do 250.º aniversário do seu nascimento, o acontecimento teve que ser dividido em dez partes diferentes: 1) ciência, invenções e engenharia; 2) política; 3) educação e estudo da natureza; 4) finanças, seguros, comércio e indústria; 5) comunicação de massas; 6) imprensa, publicidade e artes gráficas; 7) religião, organizações fraternais e estudos humanísticos; 8) medicina e saúde pública; 9) agricultura; 10) música e diversões.

No entanto, limitaram suas realizações em ciência pura (tão profundas que ele poderia ser considerado o Newton do século XVIII) à experiência do relâmpago e do papagaio, porque é a mais fácil de compreender. Fizeram dele um próspero homem de negócios e propagandista quando, pelo menos para os britânicos, era um perigoso revolucionário.

Esta perturbadora característica era a que impressionava os impacientes franceses da década de 1770. Ele era um espectro do futuro. Em seu herói, viam o simples e nobre homem do interior inteligente e moderado, ao mesmo tempo um lutador incansável pela liberdade, que «arreatou o relâmpago aos céus e o poder aos tiranos». Pressentiam a importância disso em relação a eles próprios.

O segredo da atitude filosófica de Franklin pode encontrar-se no cunho peculiar que transmitiu à então prevaiente filosofia britânica do empirismo (que dá particular importância aos fatos), tornando-se precursora da filosofia norte-americana do pragmatismo (que valoriza os fatos e sua utilidade na vida humana). O segredo de sua política se encontra no conhecimento pragmático de que as instituições sociais não são fruto da vontade divina, mas da dos homens, que podem alterá-la. Era uma visão que surgia naturalmente num povo jovem que tinha acabado de criar todas as suas grandes e pequenas cidades e que, conscientemente, dera forma a seus governos – mas isso conduzia a revoluções.

O Conde de Mirabeau, grande orador e revolucionário francês, classificou Franklin como o filósofo que mais fez para expandir os direitos do homem por toda a Terra. «Na antiguidade, teriam erguido altares a esse poderoso gênio», disse. De fato, Benjamin Franklin foi verdadeiramente um grande homem (filósofo, estadista, sábio, cientista), um homem universal que trabalhou pela liberdade humana e pela cultura em inúmeros setores.

A visão de Franklin foi também a razão de muitos dos paradoxos de seu caráter. Esteve profundamente envolvido em numerosas causas, embora inexplicavelmente se mantivesse à parte. Era um re-

volucionário com senso de humor. Era sincero porque sabia que somos nós que construímos nosso próprio mundo e, por isso, devemos fazê-lo o melhor possível; contudo, era cético porque sabia que o resultado do esforço humano é muitas vezes um triste e caricato remendo mal alinhavado.

Vida de tipógrafo. Dentre suas ocupações, Franklin foi (primeiro e principalmente) impressor. Nascido em 1706, numa casa humilde de Boston, foi o 15.º dos 17 filhos de um pobre fabricante de velas; aos 12 anos, tornou-se aprendiz do impressor James, seu meio-irmão; aos 17, foi para Filadélfia, onde, depois de trabalhar para outros patrões, abriu sua própria tipografia. Fisicamente robusto, era capaz de subir um lance de escadas carregando duas pesadas ramas de composição, enquanto outros só podiam transportar uma. O trabalho na impressão levou Franklin a escrever; a escrita o incitou à publicação de livros, e esta ao sucesso nos negócios e à fama. Apesar disso, parecia sempre que tinha acabado de sair da taverna dos tipógrafos ou da própria tipografia.

Ainda adolescente, Franklin começou a escrever, sob anonimato ou com pseudônimo, baladas e sátiras contra o *Establishment* de Boston. Sub-repticiamente, metia-as à noite por baixo da porta da tipografia, que seu irmão publicava sem suspeitar quem fosse o autor. Para alimentar sua insaciável ne-

cessidade de escrever, aprendeu sozinho ciência, filosofia, línguas (latim, francês, alemão, italiano e espanhol), pois tinha freqüentado apenas dois anos de escola. Franklin acabou por se tornar talvez o mais conhecido escritor de sua época, no mundo de língua inglesa. Seus livros de máximas simples foram *best-sellers* em dois continentes, e sua *Autobiografia* continua sendo muito lida. De seus diários, nos quais metodicamente anotava e aprimorava suas observações, foi pouco a pouco extraindo matéria para artigos, panfletos e livros – e também para as idéias que formaram uma nação.

À medida que escrevia, ia fundando publicações e... enriquecendo. Na Filadélfia, começou a publicar um jornal e, mais tarde, uma revista. Aos 26 anos, iniciou o imortal *Poor Richard's Almanack*. Dezenas de suas máximas continuam atuais: «A experiência é uma escola difícil, mas os tolos não conseguem aprender em nenhuma outra»; «Nada é inevitável, salvo a morte e os impostos»; «Deus ajuda os que se ajudam a si próprios».

Até como político manejava uma pena implacável. Representando as colônias, em Londres, antes da revolução, publicou uma pequena sátira que rapidamente correu mundo: *Regras pelas quais um grande império pode ficar reduzido a um pequeno*; essas «regras» eram precisamente as injustiças sofridas pelos habitantes das colônias.

Alma de cientista. O êxito das publicações de Franklin permitiui-lhe aposentar-se aos 42 anos. Embora desejasse consagrar o resto da vida a sua maior paixão (a ciência experimental), apenas dispôs de cinco anos, antes que seus compatriotas requisitassem os seus serviços. Mesmo assim, suas obras científicas colocam-no entre os maiores sábios.

Todo mundo sabe como Franklin captou eletricidade de uma nuvem através da linha de um papagaio, mas poucos compreendem que foi ele quem criou a primeira teoria viável da eletricidade. Os cientistas acreditavam que o relâmpago e a eletricidade fossem duas forças distintas, mas Franklin, em parte com o fio do papagaio, provou que são a mesma coisa. Também foi ele o primeiro a classificar a eletricidade em *positiva* ou *negativa* – terminologia ainda hoje usada. Devemos-lhe as palavras *bateria*, *condutor*, *carga* e *descarga* elétricas.

Esses foram extraordinários progressos teóricos, mas, como sempre acontecia com Franklin, determinados pela utilidade prática; como resultado de seus estudos, inventou o condensador elétrico (usado ainda hoje em todos os rádios, televisores e circuitos telefônicos) e o pára-raios que afastou um verdadeiro terror da vida das pessoas.

Franklin estudou também o calor, a luz, o som, o magnetismo, química, geologia, oceanologia e

fisiologia. Inventou os fertilizantes químicos, o fogão de Franklin e as lentes bifocais, cartografou a Corrente do Golfo, descobriu que as tempestades têm movimento rotativo à medida que avançam e explicou a formação das trombas-d'água no mar. Além disso, era um excelente músico, sabia tocar harpa, guitarra e violino, e era capaz de escrever críticas sobre problemas de composição.

Até mesmo os truques que fazia para os amigos (coisa que ele adorava) tinham geralmente base científica. Passeando num parque inglês, num dia ventoso, observou ondas na superfície das águas de um córrego, e disse a um grupo de amigos que podia acalmar as águas. Dirigindo-se sozinho para montante do riacho, disfarçadamente desenroscou a ponta da bengala e derramou na água um pouco de óleo de um reservatório que tinha enchido antecipadamente. Enquanto os amigos olhavam atônitos, as águas foram se acalmando progressivamente.

De fato, tinha tanta fama de mágico que, durante a revolução norte-americana, certas pessoas na Grã-Bretanha acreditaram seriamente na notícia de que «o Dr. Franklin tinha inventado uma máquina do tamanho de um paliteiro que era capaz de reduzir a catedral de São Paulo a um punhado de cinzas»!

Dever de cidadão. No entanto, passado pouco tempo, Franklin escrevia com saudades

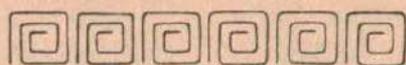
que «os negócios obrigam algumas vezes a adiar a atividade filosófica». Como seu país precisava dele, e como era contra seus princípios não ajudar, nos anos seguintes pôs em prática muitos projetos cívicos: criou a primeira força de polícia constituída por profissionais e o primeiro corpo de bombeiros voluntários da Filadélfia, a primeira companhia norte-americana de seguros contra incêndio, a Universidade da Pensilvânia e o mundialmente conhecido Hospital da Pensilvânia.

Mais importante ainda é que Franklin foi o primeiro estadista norte-americano a pensar em seu país em termos de nação unificada e não como colônias separadas. Duas décadas antes de deflagrar a Revolução, instituiu o duplo sistema norte-americano de governo estadual unido sob uma autoridade federal. Depois da Guerra da Independência, evitou o colapso da Convenção Constitucional de Filadélfia. Os pequenos estados queriam igual representação no Congresso e os maiores pretendiam

delegações baseadas na população. Franklin, conciliando ambas as pretensões, engendrou um acordo pelo qual o Senado é baseado no primeiro plano e a Câmara dos Representantes no segundo.

Quando Franklin morreu, em 1790, era a personalidade mais admirada no mundo inteiro. A Assembléia Nacional francesa decretou luto por três dias. O biógrafo Carl Van Doren resumiu assim sua vida: «Inteligência e vontade, talento e arte, força e tranqüilidade, espírito e encanto se combinavam nele como se a natureza se tivesse mostrado pródiga e feliz quando ele foi gerado.» Ben disse isso ainda melhor, no epitáfio que fez para si próprio, quando jovem:

«Aqui jaz, Alimento de Vermes, o Corpo de B. Franklin, Tipógrafo (como a Capa de um velho Livro com o Índice rasgado e já sem Letragens nem Dourados). A Obra, porém, não estará perdida porque aparecerá (como ele acredita) uma vez mais, numa nova Edição de Luxo, revista e corrigida pelo Autor.»



Nossos vizinhos, jovens e recém-casados, compraram há pouco tempo um automóvel novo, que tratam com extremo carinho.

Um dia, o marido bateu com a traseira do carro na garagem e amassou o aro do farolete de freio direito. O estrago era insignificante, mas, mesmo assim, ele mandou consertá-lo imediatamente. Uma semana depois tornou a acontecer-lhe o mesmo, e o homem ficou preocupado só de se lembrar de que teria de ir à oficina outra vez. Para consolá-lo, a esposa disse-lhe: «Desta vez, você pode dizer que fui eu.»

«Bem», comentou o marido timidamente, «isso foi o que eu disse da outra vez.»